

Recebido em: 04/05/2021
Aprovado em: 09/06/2021
Publicado em: 15/07/2021

[RESENHA]

**ADOCIMENTOS PSÍQUICOS E ESTRATÉGIAS DE CURA: MATRIZES E
MODELOS EM PSICANÁLISE**

De

Luís Cláudio Figueiredo e Nelson Ernesto Coelho Junior

(com a colaboração de Paulo de Carvalho Ribeiro e Ivanise Fontes)

Resenhado por

Wilson de Albuquerque Cavalcanti Franco¹
(wilsondeacfranco@gmail.com)

Resumo: Figueiredo e Coelho Junior apresentam uma topografia das matrizes e modelos clínicos operativos no campo psicanalítico. Sua topografia delinea três “matrizes” principais – freudo-kleiniana, ferencziana e “transmatricial” – cada uma das quais se manifesta de forma prevalente nos “modelos” avançados por autores de destaque em seus respectivos campos. Mais do que essa “topografia”, no que ela tem de contribuição para o estudo da situação contemporânea da psicanálise, e mais do que um estudo panorâmico no horizonte da teoria da técnica, parece interessar aos autores a sistematização das características fundamentais da “psicanálise contemporânea transmatricial”, nitidamente o foco de seus interesses e ponto de posicionamento peculiar deles enquanto psicanalistas.

Palavras-chaves: Adoecimento Psíquico. Estratégia de Cura. Matrizes e modelos. Psicanálise.

Figueiredo e Coelho Junior apresentam ao leitor deste livro uma proposta de compreensão da psicanálise contemporânea, articulando uma sistematização tópica do campo em suas manifestações teóricas e técnicas e suas consequências para a compreensão (e mobilização) da clínica psicanalítica. Ou seja, quem lê o livro encontra uma apresentação panorâmica do campo psicanalítico, panorama em que se mobiliza uma “visão de conjunto” de articulações teóricas e técnicas, bem como se aponta para a forma como essa mesma visão de conjunto ajuda a compreender o campo clínico contemporâneo.

O fio condutor do argumento dos autores é, como sinaliza o próprio subtítulo da obra, o das matrizes e modelos em psicanálise. Neste sentido os autores mobilizam a proposta de

¹ Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7896142610922698>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8944-3531>.

topografia do campo psicanalítico a partir das matrizes freudo-kleiniana e ferencziana, portanto, um campo psicanalítico contemporâneo “transmatricial”.

Não se trata, contudo, de simples “fotografia”, apresentação pretensamente neutra de um estado de coisas. Os autores articulam modos de adoecimento psíquico prevalentes a modos de teorização principais, articulando esses modos entre si em uma composição dinâmica – e esse campo dinâmico é tomado como parâmetro crítico para compreender a configuração do campo psicanalítico contemporâneo, a partir da articulação das matrizes “básicas” (freudo-kleiniana e ferencziana) e suas composições “transmatriciais”.

Que esteja explícita, desde já, uma característica da obra que certamente incomodará a muitos: o papel secundário, quase desprezível, conferido a Lacan. De fato, é bom que esteja claro que o trabalho dos autores se inscreve, propriamente, no movimento da chamada “psicanálise contemporânea”, em que o recurso a Lacan é destituído do destaque, pompa e circunstância tão comuns na teorização psicanalítica brasileira contemporânea (sem que se possa derivar disso, evidentemente, que os autores desconhecem Lacan. Trata-se apenas, até onde pude compreender, de um posicionamento independente em relação ao empuxo gravitacional voraz do lacanismo, o que não implica, portanto, em antagonismo ou ignorância).

Posto o alerta, a obra apresenta duas matrizes, associadas a dois “modos de adoecimento”, prevalentemente abordados por cada uma delas, para enfim apresentar produções teórico-clínicas consideradas “transmatriciais”, que são também compreendidas em função de um modo peculiar de proposição que as caracteriza.

A matriz freudo-kleiniana parte, evidentemente, de Freud, encontra um desenvolvimento potente na obra de Klein e se manifesta de forma marcada na obra de outros autores, como Rosenfeld e Bion (que propõem, para retomar o jargão dos autores, “*modelos teórico-clínicos inspirados nesta matriz psicanalítica*”). O que caracteriza a matriz freudo-kleiniana é o destaque conferido aos *excessos* na dinâmica psíquica e aos mecanismos de defesa que reagem a esses excessos de forma ativa e ruidosa – aqui se trataria, então, de sofrimentos por *ativação*, ou seja, pela mobilização de mecanismos psíquicos que dão notícia de “mal-estar”, de forma que o *setting* clínico será convocado a “conter” e “desativar” a manifestação ruidosa desses excessos.

A matriz ferencziana, por sua vez, interage de maneira crucial e decisiva com a obra de Freud, mas encontrará seu desenvolvimento mais potente na obra de Ferenczi e daqueles que seguirão suas intuições fundamentais. O que caracteriza a matriz ferencziana é a *precocidade* dos traumatismos abordados na clínica, com o que se dá notícia de um sofrimento que antecede e (por assim dizer) desativa as capacidades psíquicas de expressão (e defesa) – o

que significaria que a cena clínica acolhe sofrimentos caracterizados pela *passivação* (ou silenciamento) da sintomática, da plasticidade e da capacidade expressiva do sujeito, de forma que, diferentemente da matriz anterior, o *setting* clínico será convocado a “revitalizar”, testemunhar e “acolher o silente”.

Haveria, por fim, os modelos transmatriciais – ou, como o colocam os autores, as “estratégias e táticas de cura na psicanálise contemporânea transmatricial”. Note-se de passagem que o “contemporâneo” que figura na expressão não é casual, nem denotativo de algo “dos dias de hoje”, mas sim da situação desse modelo no horizonte da “psicanálise contemporânea” articulada desde os anos 1970 e capitaneada (grosso modo) por André Green. Ainda assim, os autores não estariam propondo nenhuma “matriz transmatricial”, mas sim condições mínimas a partir das quais se reconhecem produções psicanalíticas que sintetizam (no sentido hegeliano da *Aufhebung*, propriamente) os elementos operativos nas matrizes descritas previamente.

O modelo paradigmático nesse sentido seria justamente o trabalho de André Green, que apontou para a operação de elementos ativos e passivos na dinâmica metapsicológica, presentes, por exemplo, em suas considerações acerca do “trabalho do negativo” na clínica psicanalítica. Mas não se trata apenas de Green, nem propriamente da psicanálise que se reconhece sob a alcunha de contemporânea. Nas obras de Winnicott e Bion, na verdade, se encontrarão os elementos operatórios imprescindíveis para o delineamento de modelos transmatriciais. Como afirmam os autores: “Bion e Winnicott permearão, de forma insistente e indispensável, todas as elaborações transmatriciais” (p. 190), e isso porque esses psicanalistas articulam um pensamento que nos permite “ter escuta para o branco, para o rubro e para o negro” (p.191) – ou seja, escuta para os sofrimentos por ativação, por passivação e para o “trabalho do negativo”, sem menosprezar a insistência (branca e negra) da pulsão de morte. O próprio Green, mas também Ogden, Roussillon, Alvarez são elencados e discutidos naquilo de suas obras que manifesta sua adequação aos parâmetros delineados pelos autores para a compreensão da psicanálise transmatricial, em apresentações panorâmicas e sintéticas de suas obras, “trançadas” a partir de sua dimensão transmatricial, conforme a proposta do livro.

O livro conta ainda com dois anexos, de autoria dos colaboradores Paulo Ribeiro e Ivanise Fontes, dedicados a apresentar as obras de Laplanche e de Fédida em sua interação com a topografia dinâmica do campo psicanalítico que Figueiredo e Coelho Junior apresentam.

Cumpramos notar a conformidade da proposta delineada no livro com o entendimento de estarmos em uma “era pós-escolas”, conforme assinala Figueiredo desde, pelo menos, 2009, considerando que o primeiro capítulo de seu “As diversas faces do cuidar” expõe e

argumenta em defesa dessa proposta. Distancia-se, assim, de outros entendimentos e mapeamentos do campo psicanalítico inscritos em outras lógicas – seja a já clássica organização do campo psicanalítico estadunidense entre as matrizes “pulsional” e “relacional”, por Greenberg e Mitchell nos idos de 1983, sejam aquelas inscritas em “escolas”, como no caso dos autores de extração lacaniana, winnicottiana etc., sejam aquelas que não subscrevem ao entendimento de estarmos em uma “era pós-escolas” (como este que vos escreve).

Cumprir notar ainda que, mesmo dentro do campo da “escola pós-escolas”, na verdade, encontraremos posicionamentos distintos daquele apresentado pelos autores, como no caso de Renato Mezan, que em seu “O tronco e os ramos” compreende o período atual do movimento psicanalítico em termos distintos daqueles apresentados pelos autores na obra em apreço, como se lê na passagem a seguir:

Na atualidade se defrontam duas grandes vertentes na psicanálise: a primeira parece prolongar o período da era das escolas, [enquanto] a segunda vertente é constituída por aqueles que [...] ou transitam por diversos campos ‘escolásticos’ (André Green e Joyce McDougall são os exemplos aqui) ou então escolheram trilhar uma trajetória própria, um pouco à margem das escolas institucionalizadas (por exemplo Conrad Stein, Piera Aulagnier, Wilfred Bion, Heinz Kohut, Christopher Bollas) (MEZAN, 2014, p. 53).

O apontamento acerca das peculiaridades na situação da proposta dos autores não pretende, evidentemente, polemizar ou contestar sua validade. Pelo contrário, a inovação e originalidade da proposta de Figueiredo e Coelho Junior deve ser celebrada, por sua potência e pregnância, e acolhida nos esforços vindouros para o desenvolvimento de uma psicanálise que seja contemporânea – não no sentido de Green, mas no de Agamben (2009): uma psicanálise que, pondo-se além de suas próprias mediocridades e jogos de interesses, interpele nosso tempo e meio de forma potente, instigante e transformadora.



REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? *In: O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- FIGUEIREDO, L.C. *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2009.
- FIGUEIREDO, L.C.; COELHO JUNIOR, N. E. *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura: matrizes e modelos em psicanálise*. São Paulo: Blucher, 2018.
- GREENBERG, J.; MITCHELL, S. *Relações objetais na teoria psicanalítica*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- MEZAN, R. *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise*. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

